

SESSÃO EVOCATIVA DO 63º ANIVERSÁRIO DA NAKBA

LISBOA - 16 DE MAIO DE 2011

INTERVENÇÃO DE MARIA DO CÉU GUERRA (*)

Paz, Terra e Soberania para o povo da Palestina!

No dia 15 de Maio o mundo, e muito principalmente o Povo Palestino, assinala os 63 anos de a Nakba, o desastre. Dia negro na história de dois povos: o Povo Palestino e o povo de Israel. Pois não há ocupação sem ocupados e ocupantes e tão desastrosa é a história de uns como de outros. Só que uns no papel de vencedores e outros no papel de vencidos. Temporariamente, claro, porque a História não pára.

Vale a pena, porque nem todos as conhecem, determo-nos um pouco nos antecedentes e circunstâncias deste dia negro.

A sua história remonta, na nossa, era a mais de um século.

Em 1897 na sequência do 1º Congresso sionista de Basileia, declara-se que o Sionismo luta por criar um lar para o Povo Judeu na Palestina.

Cinco anos depois é criado o Estatuto do Fundo Nacional Judeu para aquisição de terra da Palestina que deve ser entregue “ desocupada dos seus habitantes árabes”. Mas a Palestina não era uma terra sem povo. Nessa altura os judeus eram apenas 6% da população palestina. E desde essa altura o perseverante povo judeu não fez senão avançar numa direcção: adquirir a terra palestina desocupada dos seus habitantes árabes.

Perante a Grande Revolta Palestina de 1936 – 1939 o Livro Branco Britânico tenta restringir a desmesurada aquisição de terras pelos sionistas e exige o acordo dos árabes para essas acções. Tudo isto se passa antes do fim da segunda guerra mundial.

O fim da Guerra potencia e justifica aos olhos da comunidade internacional a urgência de criar o Estado de Israel que começa a fazer-se pela força do terror. Um atentado orientado por Menachen Begin mata, no Hotel King David, 91 pessoas em 1946. Nesse mesmo ano, os Árabes recusam a partilha da Palestina entre o Estado judaico 55% e um estado árabe que receberia 44%.

Em 1947 o Reino Unido abandona o mandato que recebeu da Sociedade das Nações e a questão é levada pela primeira vez à recém-criada ONU. A proposta é então um Estado com duas nações, mas a maioria dos estados membros não a aceita, assim como a maioria das organizações Palestinas que prefere um único estado Palestino pronto a receber, em situação de igualdade, árabes, cristãos ou judeus que a ele acorram.

Em 1948 o Plano Dalet prevê a limpeza étnica dos palestinos do futuro estado judaico.

Seguem-se massacres de palestinos, os ingleses retiram-se do terreno e deixam o campo aberto e a maior parte do armamento a Ben Gurion que proclama, sem o acordo árabe, o Estado de Israel.

Nakba quer dizer desastre.

Estamos em 1948, há justamente 63 anos.

Os países árabes invadem a Palestina em amparo do seu povo e os sionistas, depois de uma guerra de aproximadamente um ano, derrotam a coligação e apropriam-se de 78% do território, 20% ficam sob administração Jordana e 1,5% ficam sob administração egípcia, a Faixa de Gaza.

Sem terra, sem casa, sem pátria, despossados de todos os seus bens de que muitos deles ainda hoje guardam a chave, mais de 700 mil palestinos refugiam-se em países árabes vizinhos.

A ONU aprova a resolução 194 que consagra o direito ao regresso dos palestinos. Criam-se campos de refugiados.

Em 1955, os israelitas, não contentes com os seus 78% do território, invadem Gaza. Em 1956 invadem o Sinai.

Em 1959 cria-se a Fatah, em 1964 cria-se a OLP para resistir e combater no terreno e no mundo a ocupação da Palestina.

Depois já sabemos: em 1968 Israel responde com a guerra dos seis dias que tem como consequência a ocupação da Cisjordânia, da Faixa de Gaza, de Jerusalém Oriental, do planalto sírio do Golan e da península egípcia do Sinai. E o êxodo de mais 200 mil Palestinos e de 120 mil sírios.

A ONU, na sua resolução 242, determina a retirada dos territórios ocupados na guerra dos seis dias.

Depois, são vinte anos de ataques e contra-ataques, de invasões, de massacres, de infiltrações, de tentativas de paz imediatamente interrompidas pelas razões mais diversas, artificiais ou fundamentadas. É o esforço internacional de Yasser Arafat, reconhecido internacionalmente como representante do povo Palestino.

E em 1987 o Povo Palestino resolve medir forças com o ocupante e da Faixa de Gaza à Cisjordânia ergue-se o Tremor – Intifada – que também conhecemos pela Revolta das Pedras, versão moderna do combate entre David e Golias. A repressão causa a morte a 2.000 Palestinos. Funda-se o Hamas em Gaza. A OLP proclama em 1988 o Estado Palestino reconhecido por mais de cem Estados da Comunidade Internacional.

Itzac Rabin, Arafat, Shimon Perez negociam a Paz e ganham, em conjunto, o Prémio Nobel da Paz. A Paz parece ao nosso alcance. Mas Rabin é assassinado por um judeu sionista, e enquanto Arafat ganha as eleições e é eleito em Gaza, Jerusalém Oriental e Cisjordânia presidente da autoridade Palestina, a extrema direita ganha as eleições em Israel e faz substituir Shimon Perez por Benjamim Netanyahu. A partir do ano 2000, o tempo divide-se entre acordos de Paz, Fogo e Cessar-Fogo e a cada novo ataque Israel está, no fundo, mais próximo do seu objectivo: a aquisição de uma Palestina sem árabes.

Um Muro de Vergonha atravessa o Território Palestino, roubando-lhe ainda terreno à sua já escassa dimensão.

Em poucos anos são assassinados três líderes do Hamas. Morre Arafat, depois de uma longa, cruel e torturante residência fixa em Ramallah. A determinação palestina obriga à saída dos colonos da faixa de Gaza, vitória que se antevia como impossível, mas Israel tenta ressarcir-se da perda chamando a si, contra todos os acordos internacionais, Jerusalém, a pátria de todos e de ninguém em exclusivo. A discórdia está lançada na Palestina. O Hamas que ganha eleições legislativas livres, não é considerado interlocutor, pela sua prática “terrorista”. Terrorista é então toda a resistência armada que ainda não ganhou nem se rendeu. Pois ninguém chama terrorista a Ben Gurion, nem a Menachen Begin. São movidos criminosos boicotes a um povo inteiro, vítima de um brutal ataque militar.

O Povo Palestino é a OLP, é a Fatah, é o Hamas, é Gaza, é a Cisjordânia, é Jerusalém.

É um Povo inteiro que reclama o seu direito à independência e à terra com uma vontade maior que as divergências. Para assinalar os 63 anos da Nakba, 11 organizações celebraram um acordo de Reconciliação. Mais de 10 mil polícias israelitas reforçam os serviços policiais de segurança permanente de Israel. A palavra “Não” esteve hasteada em milhares de bandeiras palestinas. O exemplo do Médio Oriente, que aproveitou as novas tecnologias para comunicar entre si e criar opinião e mobilização, talvez sirva à Palestina. Talvez nenhum muro consiga impedir que um povo dialogue, mesmo com diferenças políticas, se o objectivo for comum. Uma longa luta ainda nos espera. Mas o apartheid também caiu. É altura de darmos as mãos por um estado Palestino. É altura de pegarmos na nossa chave e ir abrir as portas das nossas casas fechadas. A Casa da Tolerância. A Casa do Diálogo. A Casa da Confiança. E nós, Comunidade Internacional, é altura de sermos mais firmes que nunca. E não deixar que nos mintam mais.

Viva a vontade do Povo Palestino.

Viva a Palestina Livre e Soberana

Viva a Paz no Médio Oriente.

Viva a Paz no Mundo.

() Maria do Céu Guerra é actriz e encenadora e Presidente da Direcção Nacional do MPPM. Esta intervenção foi proferida na sessão pública evocativa do 63º Aniversário da Nakba promovida pelo MPPM, na Casa do Alentejo, em Lisboa, no dia 16 de Maio de 2011.*